



Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Letras e Ciências Humanas
Licenciatura em Letras –Português/ Espanhol

O “entre-lugar” vivido por Lima Barreto/Vicente Mascarenhas em Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos: a natureza simbólica e a produção desejante

Djaneide Jokasta Alves da Silva

Recife, 2022

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Departamento de Letras e Ciências Humanas

Licenciatura em Letras –Português/ Espanhol

O “entre-lugar” vivido por Lima Barreto/Vicente Mascarenhas em Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos: a natureza simbólica e a produção desejante

Djaneide Jokasta Alves da Silva

Trabalho de conclusão de curso da área de Literatura Brasileira, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português/Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Campus Sede, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Português/Espanhol, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Renata Pimentel Teixeira.

Recife, 2022

Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de
Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)

S586o Silva, Djaneide Jokasta Alves da
O “entre-lugar” vivido por Lima Barreto/Vicente Mascarenhas em Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos: : anatureza simbólica e a produção desejanre / Djaneide Jokasta Alves da Silva. - 2022.
29 f.

Orientadora: Renata
Pimentel Teixeira.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras -Português e Espanhol, Recife, 2023.

1. Diário do hospício. 2. Cemitério dos vivos. 3. Literatura brasileira. 4. Lima Barreto. I. Teixeira, RenataPimentel, orient. II. Título

CDD 410

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Letras e Ciências Humanas
Licenciatura em Letras Português/ Espanhol
Djaneide Jokasta Alves da Silva

O “entre-lugar” vivido por Lima Barreto/Vicente Mascarenhas em Diário do Hospício e
Cemitério dos Vivos: a natureza simbólica e a produção desejante

Monografia apresentada ao Departamento de Letras e Ciências Humanas da
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Campus Sede, como requisito para a
obtenção do título de Licenciada em Letras Português/ Espanhol.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Renata Pimentel/ DLCH – UFRPE

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Sherry Morgana Justino de Almeida / DLCH – UFRPE

Membro Titular

Prof^a Yasmin Maria Macedo Torres Galindo– UFRPE

Membro Titular

O “entre-lugar” vivido por Lima Barreto/Vicente Mascarenhas em *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*: a natureza simbólica e a produção desejan¹

Djaneide Jokasta Alves da Silva²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar como o escritor Lima Barreto e a personagem por ele criada, Vicente Mascarenhas, ocupam seus lugares em uma sociedade marcada por um processo de eugenia e colonização: como o fazer literário dialoga com esse contexto, sobretudo, no que diz respeito às obras *Diário do hospício* (na qual a voz narradora do escritor Lima Barreto relata suas internações no Hospício Nacional dos Alienados, RJ e também é um projeto do romance que se elaborará: *O Cemitério dos vivos*) e *O Cemitério dos Vivos* (romance inacabado no qual cria a personagem Vicente Mascarenhas), ambos escritos entre 1919 e 1920 e publicados postumamente em 1953. Basearemos-nos nos conceitos de “entre-lugar” (SANTIAGO, 2000), Natureza simbólica/ representação do mito Trágico e sujeito edípiano (FREUD, 1930), Máquinas desejan^{tes}/ Produção desejan^{te} (DELEUZE e GATARRI, 1972), a constituição do sofrimento psicossocial do negro colonizado (FANON, 2008), entre outros, os quais foram usados como base teórica nesta proposta de leitura da obra. Pretende-se, assim, atribuir maiores possibilidades no fazer teórico-crítico relativo à obra de Lima Barreto.

Palavras-Chave: Diário do hospício; Cemitério dos vivos; Literatura brasileira; Lima Barreto.

El "lugar intermedio" vivido por Lima Barreto/Vicente Mascarenhas en el *Diário do Hospício y el Cemitério dos Vivos*: la naturaleza simbólica y la producción del deseo

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo analizar cómo el escritor Lima Barreto y el personaje que creó, Vicente Mascarenhas, ocupan sus lugares en una sociedad marcada por un proceso de eugenesia y colonización: cómo la obra literaria dialoga con este contexto, sobre

¹ Artigo solicitado no contexto da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ministrada no curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da UFRPE, Campus Recife/Dois Irmãos. Trabalho elaborado sob a orientação da professora Renata Pimentel Teixeira. E-mail: renatapimentelufrpe@gmail.com.

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Espanhol, pela UFRPE, Campus Recife/Dois Irmãos. E-mail: djan.alves@gmail.com.

todo, en lo que se refiere a la obras *Diário do hospício* (en el que la voz narradora del escritor Lima Barreto relata sus internaciones en el Hospício Nacional dos Alienados, RJ y es también proyecto de la novela que será elaborada: *O Cemitério dos Vivos*) y *O Cemitério dos Vivos* (novela inacabada en la que crea el personaje de Vicente Mascarenhas), ambas escritas entre 1919 y 1920 y publicadas póstumamente en 1953. Nos basaremos en los conceptos de “lugar intermedio” (SANTIAGO, 2000), Naturaleza simbólica/representación del mito Sujeto trágico y edípico (FREUD, 1930), Máquinas deseantes/ Producción deseante (DELEUZE y GATARRI, 1972), La constitución del sufrimiento psicosocial del negro colonizado (FANON, 2008) e entre otros, que sirvieron de base teórica en esta propuesta de lectura de la obra. Se pretende, por tanto, atribuir mayores posibilidades en el trabajo teórico-crítico relacionado con la obra de Lima Barreto.

Palabras clave: Lima Barreto; Diario de hospicio; Cementerio de los Vivos; literatura brasileña.

1. UM PREÂMBULO TEÓRICO-HISTÓRICO

Noite
os vagalumes acordam
na escuridão dos desertos
os que bebem sentam nos bares
escondem suas dores
e se alegram descobrindo
que um dia não é suficiente
para ser feliz.
(Miró da Muribeca, 2015)

Se pensarmos no final do século XIX e começo do século XX, muitas expressões podem emergir de imediato, como “Império”, “República da espada”, “positivismo”, “Abolição da escravatura” e, até mesmo quem já concluiu o ensino básico há um tempo, ao menos, tem uma pequena lembrança de tais expressões em sua vida. O que podemos esclarecer acerca desse tempo na história do Brasil é que essa época foi movimentada porque foi um tempo de mudanças, revoltas. Contamos aqui com a saída do poder de Portugal se esvaindo e, em contrapartida, com o avanço dos militares como grupo que também representava parte da intelectualidade brasileira. Se olharmos de outro ângulo, temos uma população comum, o cidadão médio (e mais ainda o de classe economicamente mais pobre), o qual pouco tinha acesso à educação básica assim como pouco participava da movimentação política nas colunas dos jornais impressos da época. Quando se fala em Proclamação da República e participação

do povo, é difícil não recorrer à descrição do evento feita por Aristides Lobo, um jornalista que escreveu no *Diário Popular* um artigo, em 18 de novembro de 1889, no qual declarou que “o povo assistiu àquilo [Proclamação da República] bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava. Muitos acreditaram seriamente estar vendo uma parada [...]”. (LOBO APUD Mello, 2007, p. 9). Isto é, a partir do ponto de vista de Lobo, compreendemos que a participação do povo na proclamação da República pouco ou em nada foi efetiva, prova de que as Oligarquias e a intelectualidade andavam distantes da população brasileira.

Começam a se desenhar, através de uma pequena retrospectiva da história brasileira, nuances de complexidades na sociedade e no indivíduo brasileiro, porque as relações sociais, culturais, econômicas e políticas mudam e exigem do cidadão responsabilidades as quais dependem do lugar que ele ocupa em vários marcadores, que indicam uma equação complexa: Branco ou negro? Rico ou pobre? É pobre e negro e quer participar da intelectualidade? Até onde seus pensamentos serão legitimados e, até mesmo, valorizados? O que esse sujeito, resultante de uma sociedade da eugenia e, ao mesmo tempo, da sociedade da ‘Liberdade’ (legal, apenas) de negros, pode desejar? O que pode desejar um sujeito que nasce no final do Brasil Império – 1881 –, e assiste, com 7, anos ao 13 de maio de 1888? Esse sujeito pode desejar a Abolição da Escravatura? Libertação essa que acontece em um Brasil, o último país do mundo de base econômica escravocrata, sancionando a libertação da escravidão das pessoas negras, um Brasil que deu a anistia – de praxe na história brasileira – para os algozes do sistema escravista e colocou os descendentes da África à margem do acesso ao mercado de trabalho. O que deseja um intelectual negro que aos 8 anos assiste à Proclamação da República? Todas essas reflexões acerca da tendência humana à complexidade, da nossa atração em perseguir o que desejamos e da inserção desse contexto histórico da Primeira República é indispensável para trazer à tona que esse complexo sujeito poderia ser Afonso Henriques de Lima Barreto, tão complexo quanto a sociedade em que viveu; tão complexo quanto o que desejou e escreveu. Talvez, para Lima Barreto, a palavra Liberdade tenha um forte sentido como tem para os humanos, mas, nesse contexto, Barreto escreveu seus desejos, desejos esses realizados ou não:

Parece uma contradição; é, porém, o que se passa em mim. Eu queria um grande choque moral, pois físico já os tenho sofrido, semimorais, como toda a espécie de humilhações também. Se foi o choque moral da loucura progressiva de meu pai, do sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tinha na vida, que me levou a ela, só um outro bem forte, mas agradável, que abrisse outras perspectivas na vida, talvez me tirasse dessa

imunda bebida que, além de me fazer porco, me faz burro. Não quero morrer, não; quero outra vida. (BARRETO, Lima. p. 7³)

Podemos ver, anteriormente, a preocupação de Lima Barreto/Vicente Mascarenhas⁴ em descrever seus desejos, assim em “Não quero morrer, quero outra vida” desabafa sobre suas frustrações no meio de suas ambiguidades. Com isso, Lima Barreto nasce no dia 13 de maio de 1881 bem como nasce também o sentimento de Liberdade sete anos depois, da mesma data ali, no Largo do Paço no Rio de Janeiro com a missa de ação de Graças e com a Princesa Isabel: a Abolição da escravatura – a pesada pena da Princesa que, cansada pelo fato de o mundo já ter se livrado do erro moral de escravizar negros, caminhava a passos lentos para a Liberdade no final do Arco-íris. Esse questionamento acerca da genuína Liberdade do 13 de maio não é nosso, nem do leitor, o próprio Afonso Henriques de Lima Barreto relata sua relação com esse mês e com essa tal Liberdade em um de seus escritos publicados, primeiramente, no jornal *Gazeta da Tarde* em 4 de maio de 1911, depois, em uma reunião da editora Brasiliense:

Era bom saber que a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo país. Havia de ser, porque já tinha entrado na convivência de todos a sua injustiça originária. Quando eu fui para o colégio, um colégio público, à rua do Rezende, a alegria entre a criançada era grande. Nós não sabíamos o alcance da lei, mas a alegria ambiente nos tinha tomado. A professora, D. Tereza Pimentel do Amaral, uma senhora muito inteligente, creio que nos explicou a significação da coisa; mas com aquele feitio mental de crianças, só uma coisa me ficou: livre! livre! Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitação aos progressistas da nossa fantasia. Mas como estamos ainda longe disso! Como ainda nos enleiamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis! (BARRETO, 1956, p. 256 - 257)

“As leis”, que em tese existem para atender às necessidades sociais, também podem acomodar os sujeitos fazendo-os acreditar que, ao apenas segui-las, estariam fazendo o correto. Longe de aconselhar a transgressão das leis, Lima Barreto denuncia para quem a necessidade

³ Da referência direta do livro: Essa edição de *Cemitério dos vivos* (1920) inclui a parte “O diário do Hospício” e foi utilizada como base para a análise do presente artigo. Porém, o ano de edição não consta nos dados do livro em pdf baixado, consta apenas que o núcleo da Universidade da Amazônia foi o responsável por tal publicação da obra já de domínio público. Além disso, por ser de domínio público, o fato de não constar o ano de edição, não afeta negativamente a obra, apenas escolhemos essa edição para facilitar o trabalho de análise uma vez que está em formato pdf. Ainda, toda vez que a citação de Lima Barreto for feita sem o ano ao longo do trabalho, é porque a referência é esta, facilmente achada nos mecanismos de pesquisa da internet: BARRETO, Lima. **O Cemitério dos vivos**. Belém – Pará. UNAMA (Universidade da Amazônia) NEAD – Núcleo de educação a distância. E-book.

⁴ Alfredo Bosi já trata sobre o testemunho e a ficção dentro da obra *O cemitério dos vivos* (1920) de Lima Barreto. E usamos esses dois nomes separados apenas por uma barra porque a relação é íntima entre autor e personagem.

de legalizar a escravidão de pessoas é legitimada. Assim, apresentar uma denúncia é demonstração de crítica e crítica sempre foi um traço presente nas obras do autor.

Devido a essa característica “militante”/ denunciadora da literatura de Lima Barreto, suas obras, apesar de nos dias atuais serem revisadas por parte da crítica com bom reconhecimento, em seu tempo, muitas vezes, foram boicotadas por jornais, por exemplo. Assim aconteceu em relação à recepção de seu primeiro romance, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* (1909), em que o protagonista Isaiás, cheio de genuínos desejos de ascensão social e intelectual, é sufocado por uma sociedade que o marginaliza por ser negro e de origem humilde. Diante disso, é possível, para além das relações autobiográficas/ficcionalizantes⁵, tanto nesse romance, quanto em toda sua obra, perceber que os personagens barretianos são, antes de tudo, indivíduos que desejam. São indivíduos que desejam mesmo a civilização negando esses desejos. Isaiás deseja, apesar da sociedade eugenista. Policarpo deseja, apesar da apatia do sentimento de nação na sociedade brasileira. Vicente Mascarenhas/Lima Barreto/ desejam, apesar das ansiedades de quem poderia ter sido tudo e não o foi. Entendendo esse “desejo” como busca, entendemos também que o desejo de um indivíduo não depende apenas dele, há fatores externos que podem influenciar na busca de alguém.

Temos, então, o escritor brasileiro que, para (SCHWARCZ, 2017, p. 144 - 145), “desfilava ambiguidade diante de um mundo da literatura no qual gostaria de entrar, mas que também desprezava; dos subúrbios onde vivia, recolhia inspiração e a distância intelectual que guardava de seus moradores; da solidão em que se autorrecolhia”. Ou seja, a “ambiguidade” apontada pela autora infere que aquele antes menino negro de sete anos cujos olhos enxergaram a festa da Abolição da Escravatura esteve presente em diferentes contextos e em diferentes lugares da sociedade – ao mesmo tempo –. Isto é, um negro que estudou entre brancos, um andarilho presente nas ruas do Rio de Janeiro que não era andarilho, era caçador de inspirações/ observador social para escrever. Um homem que tinha a mais refinada intelectualidade, mas se viu dentro de um hospício por dependência química em álcool tendo sua intelectualidade silenciada ou ignorada.

Assim, Lima Barreto experimenta um pouco o que (SANTIAGO, 2000) vai nos apresentar, nos anos 1970, como o conceito de “entre-lugares”. Por um lado, para Santiago, o conceito de entre-lugares está relacionado à literatura latino-americana em relação ao contexto

⁵ As relações entre as questões autobiográficas de Lima Barreto e sua obra ficcional, sobretudo no que diz respeito às obras analisadas neste trabalho *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos* (1920), podemos encontrar em (Bosi, 2007) e em (SILVA e TEIXEIRA, 2019).

literário europeu, pois fica evidente nessa relação uma visão da Europa para a América Latina de desconhecimento daqueles valores, comportamentos e formas de a América se relacionar e existir; do mesmo modo, o conceito reflete em como a América Latina enxerga o discurso literário Europeu e, dali, tenta perceber sua cultura e seus valores. Voltando a Lima Barreto, por outro lado, concordamos com a ideia original de que o “entre-lugar” é quando um sujeito que experimenta esses dois lugares concomitantemente. Aqui, buscaremos encontrar na obra, a experimentação de Lima Barreto/Vicente Mascarenhas nesse “entre-lugar” ocupado na sociedade enquanto intelectual estigmatizado pela passagem em um hospício; como legitimar os anseios e os desejos de um intelectual negro em lugares de maioria branca e burguesa? Como a colonização produz no indivíduo do século XIX/XX uma culpa, um lugar (consciente ou não) de dor e inferioridade? (FANON, 2008). Assim, quando associamos esse autor e seu personagem à experimentação do “entre-lugares” é porque o escritor de *Cemitério dos Vivos* (1920) olha para a burguesia, anda por lugares burgueses, tem amigos tais, mas não é burguês; tem conhecimento canônico, mas o prestígio do cânone lhe é negado quase sempre. Experimenta, o autor, assim, o entre-lugar, bem como experimenta a falta de pertencimento. Não é diferente com seus personagens.

Como já citado em nota de rodapé, a reflexão de pesquisadores sobre o romance *Diário de um Hospício* e *O Cemitério dos vivos* (1920) não é nova. É importante citar que Alfredo Bosi já observa a escrita testemunhal em *Diário de um Hospício* (1920) e sua relação com o romance inacabado *O Cemitério dos vivos* (1920) de Lima Barreto. Bosi percebe que, desde a escrita do Diário, o autor não tem apenas o objetivo de escrever um diário por si só, mas de rascunhar um futuro romance a partir de suas vivências naquele lugar. Ainda, há um artigo que também estuda o percurso do diário para o romance no que diz respeito à questão biográfica e também à ficção (SILVA e TEIXEIRA, 2019). Mas, então, por que estudar a mesma obra neste trabalho? Além desses estudos que trazem um olhar importante, quando lemos *Diário de um Hospício* (1920) e *O Cemitério dos vivos* (1920), percebemos de um lado, um sujeito/personagem que deseja/busca seu lugar, mas que, de outro lado, adoece dentro de uma sociedade que o rejeita. Isso permite uma conexão com a leitura de *O Mal-estar da Civilização*⁶ (1930):

o que revela a própria conduta dos homens acerca da finalidade e intenção de sua vida, o que pedem eles da vida e desejam nela alcançar? É difícil não acertar a resposta: eles buscam a felicidade, querem se tornar e permanecer felizes. Essa busca tem dois lados, uma meta positiva e uma negativa; quer a

⁶ Sobre questões de tradução: na versão da editora Companhia das Letras pela qual está referenciado este trabalho, o título está escrito “Civilização”, mas em outras traduções podemos encontrar também “Cultura” como se, de alguma forma, tivessem alguma relação de sinônimo interligado para Freud.

ausência de dor e desprazer e, por outro lado, a vivência de fortes prazeres. No sentido mais estrito da palavra, “felicidade” se refere apenas à segunda. Correspondendo a essa divisão das metas, a atividade dos homens se desdobra em duas direções, segundo procure realizar uma ou outra dessas metas — predominantemente ou mesmo exclusivamente. Como se vê, é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. (FREUD, 1930, p. 21)

Mesmo adoecendo dentro da sociedade que o rejeita, Lima Barreto/Vicente Mascarenhas tentam (e conseguem, muitas vezes) fugir de seu estigma, estigma esse que os encarceram não só dentro do hospício, mas também dentro de si com culpa, porém eles buscam sua felicidade através da literatura ou do álcool:

A minha dor ou as minhas dores aumentavam ainda; e, cheio de dívidas, sem saber como pagá-las, o J. M. aconselhou-me que escrevesse um livro e o levasse para ser publicado no Jornal do Commercio. Assim o fiz. Pus-me em casa dois meses e escrevi o livro. Saiu na edição da tarde e ninguém o leu, e só veio a fazer sucesso, para mim inesperado, quando o publiquei em livro. Desalentado e desanimado, sentindo que eu não podia dar nenhuma satisfação àqueles que me instruíram tão generosamente, nem mesmo formando-me, não tendo nenhuma ambição política, administrativa, via escapar-se por falta de habilidade, de macieza, a única coisa que me alentava na vida — o amor das letras, da glória, do nome, por ele só. Eu me senti capaz de fazer, mas de antemão sabia que não encontraria em parte alguma quem me imprimisse e tinha a íntima certeza de que não encontraria dinheiro com que me fosse possível editar o meu trabalho, especialmente o Gonzaga de Sá. Bebi cada vez mais, e, dentre muitas aventuras, algumas humilhantes[...] (BARRETO, Lima. p.8)

Percebemos anteriormente a frustração do sujeito e como esse indivíduo busca sua felicidade, podendo, muitas vezes cair em um ciclo vicioso de consumo do álcool, por exemplo. Com isso, Freud pensa em algo muito comum da vida humana – e, muitas vezes, os cientistas trazem para a metodologia científica aquilo que é recorrente na vida dos cidadãos comuns como, por exemplo: a busca pela felicidade, tendo, assim, a finalidade de facilitar/melhorar a vida na terra através da ciência. Para Freud não é diferente, essa busca pela felicidade se daria de uma forma positiva e/ou negativa: aquela forma seria uma vida regada à procura da ausência de dor, ausência de desprazer, já esta forma, a “negativa”, é a vivência de fortes prazeres. Essa primeira inferência de *Mal-estar da Civilização* (1930) de Freud em relação com o romance de Lima Barreto foi o primeiro pensamento ao delinear a presente pesquisa e ao estabelecermos diálogo entre a leitura da obra e a fortuna crítica sobre ela.

Ainda sobre Freud, temos o sujeito edípiano, o qual é resultado do complexo de Édipo (para Freud todo sujeito é resultado do Complexo de Édipo), esse sujeito é dotado de culpa: “Não podemos afastar a hipótese de que o sentimento de culpa da humanidade vem do complexo de Édipo e foi adquirido quando do assassinio do pai pelo bando de irmãos” (FREUD, 1930, p. 65). É importante entender, mesmo que um pouco, pois toda a obra de Freud é extensa e dotada de revisão do próprio autor, esse sujeito edípiano. Aqui, a teoria está na ordem do simbólico quando falamos no pai e na mãe, por exemplo. A formação de culpa do sujeito edípiano resulta pela repetição (representativa/ simbólica) do mito da tragédia grega de Sófocles em que o personagem mata o pai e tem uma relação íntima (incestuosa) com a mãe, mesmo sem saber que ambos são seus pais no ato das ações. Assim, Freud resgata a tragédia grega para explicitar seu pensamento.

No complexo de Édipo, portanto, a figura do pai aparece tanto como a imposição das regras, bem como a possibilidade da cisão com a mãe. Ou seja, para o sujeito, antes ligado à mãe como extensão dela, do desejo dela, agora, depois da aparição do pai, acontece a separação – sempre dolorida – desse indivíduo com a mãe. Assim, o indivíduo olha para o pai com ódio, mas também com amor, sua pulsão de ódio o faz matar o pai: eis uma forma muito rápida, e talvez rudimentar, de explicar a formação da culpa do sujeito edípiano no ato de matar o pai – lembremos mais uma vez que estamos no campo do simbólico –, diante disso, a culpa/arrependimento acontece porque

Esse arrependimento era resultado da primordial ambivalência afetiva perante o pai, os filhos o odiavam, mas também o amavam. Depois que o ódio se satisfiz com a agressão, veio à frente o amor, no arrependimento pelo ato, e instituiu o Super-eu por identificação com o pai, deu-lhe o poder do pai, como que por castigo pelo ato de agressão contra ele cometido, criou as restrições que deveriam impedir uma repetição do ato. E como o pendor agressivo contra o pai se repetiu nas gerações seguintes, também o sentimento de culpa persistiu e fortaleceu-se de novo com cada agressão suprimida e transferida para o Super-eu. Creio que agora apreendemos duas coisas muito claramente: a participação do amor na gênese da consciência e a fatídica inevitabilidade do sentimento de culpa. (FREUD, 1930, p. 67)

O processo de formação da psique humana dentro da sociedade ocidental trilha o caminho da representação entre a relação tríade entre mãe, pai e filho. O filho, no momento de constituição do seu próprio eu, ao buscar sua autonomia e individualidade, rompe com seu pai e sua mãe rumo aos seus próprios desejos e dotado de culpa. Pois, como dito por Freud anteriormente, na origem da consciência do ser humano civilizado/inserido na Cultura, há a participação do amor e o sentimento de culpa que é inevitável.

Sobre a obra estudada neste trabalho, no início do *Diário do Hospício* (1920), o personagem principal se encontra já dentro do hospício devido ao ápice de uma crise alucinógena, devido ao seu alcoolismo. Inteligente, leitor, estudioso, desejava a academia, mas não conseguira ainda ter sido doutor; sonhos reféns de uma sociedade seletiva, sonhos encarcerados dentro de Vicente, doendo, sendo entorpecidos pelo etanol: Vicente se livrando da dor, busca a felicidade e, de um outro ângulo, a sociedade se livrando de Vicente o encarcera no Hospício. Aqui se vê a sociedade buscando a eugenia social como no século XIX. Dessa forma, uma primeira questão guiou este estudo: conectada às citações anteriores de Freud, qual a forma que Vicente/Lima Barreto buscam para encontrar a felicidade? E, mais do que respondê-la efetivamente como algo enrijecido – tudo que a literatura não é: enrijecida –, foi aberto um campo de possibilidades de reflexões literárias, foi aberto um campo que permitiu reflexões sem deixar de focar na teoria e na obra, mas também que não se pretende verdade absoluta.

Ainda pensando no aporte teórico, já se entendeu que, de um lado, há o desejo de felicidade de Vicente/Lima Barreto, de outro lado, o desejo de uma sociedade de encarcerar aquele que sonha, aquele que busca, mas não está ‘autorizado’ a isso, sobretudo por fazer parte de determinados grupos (étnico-raciais e socioeconômicos, por exemplo): um movimento que parece doer, sufocar, culpabilizar. E quais maneiras esse indivíduo sufocado/culpado encontraria para escapar? Essa pergunta levou ao conceito de “Máquinas Desejantes” (DELEUZE e GUATTARI, 1972). Apesar de Deleuze em *o Antiédipo: capitalismo e esquizofrenia* (1972) e Freud em *O Mal-estar da Civilização* (1930) se oporem em diversos aspectos, e realmente se opõem, essas duas teorias são tão complexas quanto a complexidade do indivíduo que está no “entre-lugar”: a personagem Vicente (e nessa personagem a evocação das tantas relações autobiográficas com o seu autor, Lima Barreto, aspecto que já indicamos, mesmo que não seja o foco no qual este trabalho se deterá).

Vamos antes, superficialmente, porque abordaremos mais a fundo ao longo deste trabalho, à questão da “Maquina desejante”, depois, a sua relação com o Desejo do sujeito edipiano e, por fim, como essas duas teorias abarcam Vicente em *O Cemitério dos Vivos* (1920).

A tese da esquizoanálise é simples: o desejo é máquina, síntese de máquinas, agenciamento maquínico — máquinas desejantes. O desejo é da ordem da produção; toda produção é ao mesmo tempo desejante e social. Portanto, censuramos a psicanálise por ter esmagado esta ordem da produção, por tê-la revertido à ordem da representação. Longe de ser a audácia da psicanálise, a ideia de representação inconsciente marca, desde o início, sua falência ou sua

renúncia: um inconsciente que não mais produz, mas que se limita a acreditar. (DELEUZE e GUATARRI, 1972, p. 390)

Aquilo que antes pensamos sobre o indivíduo ser resultado de uma conjuntura social dentro de uma sociedade patriarcal em Freud é o início do adoecimento que tem origem na formação da psique humana. Esse indivíduo freudiano é entendido como tendencioso à resignação, ou seja, ele busca a felicidade condicionado às regras sociais e, – se acaso vá transgredir as regras (pai), sofrerá com a punição moral ou com culpa –. No caso de Vicente/Lima Barreto, eles bebem e, a seu comportamento ético (mesmo visando o afastamento da dor e a busca do prazer) é passível de ser atribuída a noção de culpa no destino de ambos ao Hospício. O indivíduo que deseja como um sujeito edipiano, caso transgrida às regras da civilização, pagará com privação da Liberdade, seja na prisão, lugar dos culpados; seja no hospício, lugar dos criminosos sem culpa legal.

Voltando para a citação acima de Deleuze, o sujeito que deseja não é mais enclausurado pela representação/ pelo símbolo do mito grego antes visto em Freud, aqui o desejo é produção. Assim, no lugar de ser resignado, o sujeito-máquina não mais aceita, ele produz sua busca. O sujeito não se limita em padecer dentro das paredes do hospício ou em ser aquilo que o estigma da sociedade a ele impõe. Agora o sujeito-máquina escreve (no caso de Vicente/Lima Barreto). O sujeito, antes refém da representação trágica (pai, mãe e filho), agora fabrica a produção desejante em forma de literatura: a prova material que Vicente encontra para fugir da culpa inevitável enquanto sujeito edipiano é produzindo a Arte literária, seu romance é tão potencialmente revolucionário quanto o conceito de Desejo para Deleuze e Guattari.

Diante desse contraste de conceitos entre Freud e Deleuze é que surgiu a segunda hipótese aqui proposta sobre o romance: Vicente/Lima Barreto foi patologizado pela ciência da época; o delírio levou-o para o encarceramento pela segunda vez. Considerando este cenário, ao pegar o lápis e caderno para escrever seu Diário e, logo depois, começar a esboçar seu futuro romance, Lima Barreto/Vicente foge do apagamento estigmatizante? Foge da representação do mito grego? Produz, assim, Liberdade? Não aceita a alcunha de “louco”, “bêbado”, mero peso social encarcerado? Produz seu desejo fugindo à morte da memória? Isto é, a Literatura lhe deu a possibilidade de ser “Maquina Desejante”?

2. DIÁRIO DO HOSPÍCIO/CEMITÉRIO DOS VIVOS: REFLEXÕES TEÓRICO-LITERÁRIAS E FORTUNA CRÍTICA

Estar em um lugar a que você foi levado com aval de parentes pelas mãos de policiais nas primeiras décadas do século XX; descrever o lugar onde se está e, à medida que o descreve, permitir ao leitor que conheça aquele que confessa/narra e reflita quais podem ser as razões (ou não) de ele estar ali - ora, confidente de sua vivência em um hospício - *Diário de um hospício*, ora narrador em um romance ficcional - *O cemitério dos vivos*). Este é o lugar dos loucos, dos que acham que amam demais, dos que têm culpa sem crime, mas também é lugar dos conscientes de que suportar a sociedade fora do manicômio é doloroso; então, a instituição família/polícia coloca ali “o réu sem culpa” (BOSI, 2007), porque aquela sociedade não tem lugar para os irônicos sensíveis que buscam curar suas dores no amor ou no álcool. O livro *Cemitério dos vivos* de Lima Barreto (junto ao *Diário do hospício*) apresenta uma voz com forte grau de observação sobre a situação manicomial da *belle époque* do Rio de Janeiro; as relações sentimentais, políticas, afetivas, e sobretudo, as relações desejantes sobre a liberdade e sobre estar encarcerado com outros alienados, sob as ordens de guardas, médicos e entre as tantas personalidades envolvidas.

Primeiro, é interessante lembrar da forma como se dá a escrita do *Diário do Hospício* (1920) o qual começa como um diário normal, alguém relatando seu cotidiano. Há, assim, uma preocupação em datar os dias relatados, em fornecer a descrição do ambiente e outros procedimentos típicos do gênero. Lima Barreto inicia suas anotações no dia 25 de dezembro de 1919; já em janeiro do ano seguinte rememora sua chegada ao hospício da Praia Vermelha no Rio de Janeiro⁷. Falar sobre Hospício no princípio do século XX ainda é estar sob a forte influência dos preconceitos do século anterior, conhecido historicamente como o século do Determinismo social e regido pelos pensamentos eugenistas.

Para explicitar melhor, destaquemos que se trata de um escritor negro, mesmo que intelectualizado; é provável, então, que tenha enfrentado muitas portas fechadas ou, até

⁷ Inaugurado em 1852 para abrigar os alienados da Corte e demais províncias do Império, o Hospício de Pedro II foi a primeira instituição dessa natureza a funcionar no Brasil. Seu nome homenageava o próprio imperador, responsável pelo decreto fundador do estabelecimento, que nascia vinculado à Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, principal destino de alienados até então. Desde o final da década de 1970, o primeiro hospício do Brasil tem merecido destaque em algumas abordagens sobre a história da psiquiatria, pois teria representado a concretização do projeto de uma elite médica que tinha como objetivo o controle social das cidades. Nessas análises, fortemente influenciadas pela obra de Michel Foucault, o hospício era visto primordialmente como local de exercício do poder médico, ainda que em disputa com outras formas de poder. (RIBEIRO, 2006, p. 1154)

mesmo, justifica-se certa descrença em si mesmo, seguindo a representação social a qual foi inculcada na sua construção social, psíquica, filosófica, política e afins como representante de uma ‘raça inferior’, segundo os preceitos da eugenia. Mesmo diante de impasses que podem ser até inconscientes de Lima Barreto, ele não deixou de tecer críticas à sociedade através de suas histórias, seus personagens e, por que não, de sua vivência. Para entender melhor a força dos personagens de Lima Barreto, (SILVA e TEIXEIRA, 2019, p. 551) afirmam: “e ele usa da literatura como uma arma, tem um posicionamento militante como homem e como escritor” e assim o é, Lima Barreto rascunha não apenas um futuro romance no *Diário do Hospício* (1920), ele também escancara, ao descrever suas vivências, um modo de vida de encarceramento de pessoas “fora da caixinha”, ditas loucas, subversivas, anormais pela ótica da normalização social.

Já a respeito da escrita do *Cemitério dos vivos* (1920), é possível encontrar nas anotações do diário a (trans)formação do narrador Lima Barreto no que talvez será seu futuro personagem. Lima apresenta isso ao trazer para os escritos do *Cemitério dos vivos* (1920) – até então com características de diário, autobiográfico – elementos de ficcionalização:

O leitor se surpreenderá ao constatar que, no exato momento em que o depoente entra a escavar o passado e aprofundar a sua “angústia de viver”, o texto confessional cede a um lance de ficção. O testemunho que, até então, parecia pura transcrição dos apontamentos de um internado, converte-se na matéria romanesca de uma novela inacabada, cujo título será igualmente *O cemitério dos vivos*. (BOSI, Alfredo. 2007, p. 20).

Com esse apontamento, Alfredo Bosi faz referência à passagem do livro de anotações pré-romance em que Lima Barreto insere sua relação com uma mulher. Porém, para os mais estudiosos biógrafos do autor – Alfredo Bosi faz questão de citar “a obra de Francisco de Assis Barbosa” (BOSI, 2007, p.20) – é clara a inexistência de uma esposa ou companheira de Lima Barreto. Inferindo-se, assim, que esse trecho faz parte de um preâmbulo do que será o romance. Ademais, sobre o processo de ficcionalização, é possível ver o planejamento textual do que será *O Cemitério dos Vivos* (1920) quando (BOSI, 2007, p. 20) afirma que: “Podem-se ler, no entanto, frases soltas em pleno *Diário do hospício*, que prenunciam aquela passagem do depoimento para o discurso ficcional.” Diante das observações de Bosi, fica mais perceptível a estreita relação entre as duas

obras e em como a análise de uma se torna quase como uma chamada para a análise da outra.

Agora, no romance que foi escrito baseado nas anotações do *Diário do Hospício* (1920), *O Cemitério dos Vivos* (1920)⁸, percebermos não apenas nuances da obra anterior, mas também um processo de ficcionalização – se no diário, Lima Barreto falava como ele mesmo, agora, no romance, ele apresenta seu personagem o qual vai vivenciar a temporada nas instalações do Hospício, Vicente Mascarenhas. Além disso, Vicente sentia a dor da marginalização, pois para (SILVA e TEIXEIRA, 2019, p. 552), Vicente “também tinha noção de que o sucesso telúrico não era possível para todos”, essa afirmativa permite destacar que a questão social é presente nas obras de Barreto. Assim, seus personagens geralmente estão diante da dor de desejar e se deparar com o alheamento da sociedade ou dificuldades da vida que põem o indivíduo marginalizado mais à margem do sistema:

Já estava morta, quando meu livro apareceu. Vendi toda a edição quase pelo preço de impressão, para pagar dívidas, e me comprou um daqueles livreiros que me editara. Não pude desagrar os meus ordenados; a minha colaboração rendia pouco. Minha sogra, depois da morte da filha, ficou aluada. Não se movia do lugar, não queria sair, não queria ver ninguém. Os atos e requerimentos para receber a sua pensão de montepio, era uma dificuldade para obter dela a assinatura. Do pequeno, cuidava, mas a seu jeito; enfurecia-se com qualquer repreensão a ele e a todo o instante lembrava-lhe a mãe:

— É isto, a Efigênia não está aí...

O meu consolo era o meu livro. A crítica assinada, a responsável, honrou-o muito, particulares insuspeitos gabaram-no à queima-roupa. Ele era cochichado, e eu pressentia no ar a emoção e a surpresa que tinha causado. Devia alegrar-me, mas a alegria que me podia causar era abafada pelas minhas dificuldades de dinheiro e pela doença de minha sogra. (BARRETO, Lima. p.65)

Como vimos anteriormente, Freud apresenta a busca pela felicidade de um sujeito edipiano carregado, inevitavelmente, pela culpa. Por outro lado, em uma crítica radical dos anos 60, Deleuze e Guattari propõem retirar a tríplice edipiana assentada na mente do indivíduo ocidental e acrescentar diferentes possibilidades de destituir a culpa oriunda do Complexo de Édipo: desejo aqui não é busca por algo que falta, mas é possibilidade de construção. Desejo é produção. O que nos cabe neste trabalho é perceber, n’*O Cemitério dos Vivos* e *Diário do hospício* (1920), em quais momentos o personagem Vicente (dotado de autobiografia) está enclausurado como um sujeito edipiano, pelas culpas,

⁸ Esta afirmação se baseia na própria obra de Lima Barreto, em que as primeiras palavras no diário são essas “Anotações para O CEMITÉRIO DOS VIVOS” (1920, p. 2).

busca pelo prazer e, em que momento esse sujeito tenta fugir do Édipo e ser produtor de seu desejo.

Com a finalidade de acrescentar olhares a essa proposta de leitura, buscamos no psiquiatra e filósofo Franz Fanon, em seu livro *Peles negras, máscaras brancas* (2008), o raciocínio acerca do colonialismo e do racismo não apenas como processos políticos e sociais, mas também como fundamento da construção psíquica dos indivíduos colonizados. Para entender melhor o pensamento fanoniano, é importante, ainda, saber que o filósofo é natural das Antilhas francesas da colônia francesa de Martinica – hoje em dia Martinica é um departamento ultramarino francês no mar do Caribe –. Assim, o lugar natural do autor tem muita relação com sua obra, sobretudo, com a obra em questão *Peles Negras, Máscaras Brancas* (2008) em que Fanon faz um percurso da construção do indivíduo colonizado (o negro das Antilhas Francesas, principalmente) em contraponto a outros negros de origem Africana (vários países e ilhas colonizados pela França) junto aos seus colonizadores europeus. Defende, portanto, a existência de uma construção de “inferioridade” na psique do colonizado a qual só surge por causa da existência de um indivíduo que se coloca como “Superior” (o colonizador europeu) nas relações que se estabelecem no processo de colonização: “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização européia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado” (FANON, 2008, p. 90).

Pode-se, então, pensar “ah! Mas se o livro de Fanon foi escrito em 1952, a respeito de pessoas negras colonizadas por franceses, seria o caso de pensar essa teoria sobre um personagem brasileiro? Mesmo que negro, mas que é fruto da colonização portuguesa como é o caso de Vicente Mascarenhas d’*O Cemitérios dos vivos* (1920)? O que teria relação nisso? ” Quem responde essa suposta pergunta sobre o processo de colonização das Antilhas Francesas, se isso seria passível como chave para pensarmos o contexto brasileiro do século XIX para o século XX é o próprio Fanon. O autor autoriza a reflexão, sobre o negro colonizado por franceses, ser estendida a qualquer colonizado:

No momento queremos mostrar porque o negro antilhano, qualquer que seja ele, deve sempre tomar posição diante da linguagem. Mais ainda, ampliaremos o âmbito da nossa descrição e, para além do antilhano, levaremos em consideração qualquer homem colonizado. Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, 2008, p. 34)

Além de permitir a extensão de sua reflexão sobre racismo a “qualquer homem colonizado”, o filósofo ainda dá seu conceito de o que seria “povo colonizado”: “todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural”. Isso é basilar para nosso estudo e também é a permissão bibliográfica que queríamos para pensarmos acerca de Lima Barreto em suas obras *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* (1920). Esse pensamento de Fanon se encaixa no nosso estudo porque Lima Barreto, como vimos, é fruto de uma sociedade colonizada por brancos (portugueses), e ainda, fruto de uma sociedade que escravizou pessoas negras durante 300 anos, mais ou menos. Isto é, o indivíduo negro que viveu no século XIX para o século XX é o sujeito que Fanon aponta como aquele que construiu seu complexo de inferioridade diante da sua relação com uma sociedade que o recrimina.

Como falamos anteriormente, Franz Fanon é, além de um filósofo social, psiquiatra, portanto, isso permite ao pensador uma ampla gama de reflexões. Isso se torna importante para nossa leitura de *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* (1920) porque Fanon não fica apenas (que já seria interessante) na formação histórica, política ou social, mas amplia suas reflexões em uma visão da medicina, psicanálise e, até mesmo, sobre a linguagem. Assim, a citação acima (repetimos aqui o início dela: “No momento queremos mostrar porque o negro antilhano, qualquer que seja ele, deve sempre tomar posição diante da linguagem.”) apresenta a preocupação do autor também com a apropriação da linguagem no processo de colonização. Se pensarmos, por exemplo que, um colonizado, de maneira majoritária, não saberia, necessariamente, falar a língua(gem) – entende-se aqui que a língua é também cultura, valores, comportamentos, cosmovisão. – do povo colonizador. Para tanto, Fanon afirma que uma das formas de o negro garantir inclusão e tentar fugir, mesmo que fracassadamente, do racismo, é falando um “bom francês”: “é através dela [da linguagem] que criamos e vivenciamos os significados. Na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura.” (FANON, 2008, p. 15).

É através do conhecimento da língua(gem), por exemplo, que Lima Barreto escreve “O destino da literatura”. Esse texto não é um texto literário, corresponde a um texto crítico acerca da literatura para uma conferência literária.⁹ Já no começo, Lima

⁹ Trata-se de uma série de textos não-ficcionais de Lima Barreto que apresenta um lado crítico do autor. Para quem tem interesse de estudar mais a fundo o projeto literário de Lima Barreto, é uma obra interessante porque aproxima o pesquisador/leitor desse projeto. Livro organizado por Beatriz Resende, crítica literária, professora titular da faculdade de letras da UFRJ, Doutora em Literatura Comparada.

Barreto revela o que ele mesmo acredita serem requisitos para um conferencista. Ao apresentar tais requisitos, já vai desenhando essa ilimitada busca pelo conceito de Beleza à qual a arte tanto se volta: “Pede tal gênero ao expositor desembaraço e graça, distinção de pessoa, capricho no vestuário e – quem sabe lá? – beleza física e sedução pessoal. É o critério nacional de que tenho muitas provas nas torturas por que têm passado aqueles meus amigos e confrades aos quais Deus galardoou, em tão raras virtudes.” (RESENDE, 2017, p. 235). Dessa forma, o próprio conferencista em questão não se vê como um ser dotado de beleza, porque está presente nos seus amigos e confrades “ aos quais Deus galardoou em tão raras virtudes”. É permissível, então, entender um pouco de como Lima Barreto se vê diante desse requisito tão necessário para a Arte.

Não se achando digno da Beleza, o escritor avança para o que entende da Literatura (a beleza literária) e afirma que a Arte (entendemos como a arte literária também) tem “o poder de transmitir sentimento e ideias, sob a forma de sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre, portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade. ” (RESENDE, 2017, p. 247), assim, para Lima Barreto, a Arte pode servir como pacificadora, isto é, “unir as espécies”, e também é resultado da inteligência dos homens bem como é o caminho da felicidade. Esse conceito sobre a Arte – e porque não a Arte literária também –, nos remete ao sujeito freudiano falado anteriormente que busca a felicidade. Para Freud pode ser uma busca através da ausência de dor, sofrimento ou uma busca da felicidade através do acesso ao prazer. Podemos afirmar, diante disso, que a Literatura, para Lima Barreto é o caminho para a felicidade.

Personagens barretianos como Policarpo Quaresma, por exemplo, buscam o sentido de sua vida. Perseguem àquilo que falta neles e o que para eles seria a Beleza. Para Policarpo, algo no mundo não estava coerente e ele busca essa coerência, mas seus desejos, quando expostos na sociedade, por mais verdadeiros que fossem, são tidos como, no mínimo, estranhos. Longe de se debruçar em uma das principais obras de Lima Barreto neste trabalho, mas utilizando-a para reflexão sobre o fazer literário barretiano, vemos nesse personagem um pouco do que seria a Loucura e a tristeza que ela causa ao indivíduo visto como “louco”. Esse indivíduo é geralmente enclausurado em algum manicômio quando comete o excesso da Loucura, mas ao ver seus compatriotas enclausurados na mesma situação, pode ficar mal; a mão pesada da repressão social sobre si e seus companheiros de cárcere poda o sentimento de felicidade: “Saiu o major [do manicômio] mais triste ainda do que vivera toda a vida. De todas as coisas tristes de ver, no mundo, a

mais triste é a loucura; é a mais depressora e pungente” (BARRETO, 1959, p. 55). Aqui o narrador do romance descreve como foi o sentimento do Major Policarpo ao sair do manicômio depois de internado. Podemos, pois, inferir que a busca pela beleza da personagem foi cortada a partir de sua prisão no manicômio.

Entendendo o processo de encarceramento e estigma da Loucura voltado para Policarpo Quaresma, pois o personagem está em “busca de uma identidade nacional [em *Policarpo Quaresma*]” e, dessa forma, “assume a dimensão de uma tragédia, a ponto do personagem vir a ocupar, também, um lugar na galeria dos loucos da República. O nosso herói é testemunha de um massacre e ao mesmo tempo, é considerado um louco” (DE DECCA, 1990, p.49). Esse fato coloca não apenas Policarpo Quaresma em um lugar estigmatizado, ilegitimado, bem como essa falta de escuta, essa dor está presente em muitos personagens barretianos. A exemplo disso o próprio Lima Barreto/Vicente sente falta de um diálogo com alguém em *Diário do Hospício* (1920), alguém que seja uma escuta para ele:

Cá estou na Seção Calmeil há oito dias. Raro é o seu hóspede com quem se pode travar uma palestra sem jogar o disparate. Ressinto-me muito disto, pois gosto de conversar e pilheriar; e sei conversar com toda a gente, mas, com esses que deliram, outros a quem a moléstia faz tatibitate, outros que se fizeram mudos e não há nada que os faça falar, outros que interpretam as nossas palavras de um modo inesperado e hostil, o melhor é calar-se, pouco dizer, mergulhar na leitura, no cigarro, que é a paixão, a mania de todos nós, internados, e o possuí-los em abundância é um perigo que se corre e só pode ser evitado pela astúcia ou pela energia. (BARRETO, Lima. p.7)

Assim, percebemos que a escuta também não é lugar para todos. O direito à escuta, quando negado, dá lugar à solidão e, por que não, ao vício? Como vemos na citação acima, ao mergulhar no silêncio, na leitura, no cigarro, o sujeito está buscando paixão, pois “possuí-los em abundância é um perigo”. Daí, podemos perceber “pequenas” batalhas do dia-dia do personagem para lidar com sua existência, muitas vezes, invisibilizada e ambígua.

3. OCUPANDO O “ENTRE-LUGAR”: A NATUREZA SIMBÓLICA VESUS A PRODUÇÃO DESEJANTE

Primeiramente é preciso pensar acerca do conceito de “entre-lugares” trazido por SANTIAGO (2000), em que apresenta as relações do contexto da literatura hispano-

americana dentro do contexto literário com a Europa, ao mesmo tempo. O autor reflete sobre a situação colonial e como o discurso literário se insere nesse contexto:

O neocolonialismo, a nova máscara que aterroriza os países do Terceiro Mundo em pleno século XX, é o estabelecimento gradual num outro país de valores rejeitados pela metrópole, é a exportação de objetos fora de moda na sociedade neocolonialista, transformada hoje no centro da sociedade de consumo. Hoje, quando a palavra de ordem é dada pelos tecnocratas, o desequilíbrio é científico, pré-fabricado; a inferioridade é controlada pelas aos que manipulam a generosidade e o poder, o poder e o preconceito. (SANTIAGO, 2000, p. 15)

Assim, quando o autor reconhece os processos de colonização, de como isso tem relação direta com manipulação do poder e, conseqüentemente, com a reverberação de preconceito, temos o Brasil colonizado por brancos portugueses. Logo, a literatura advinda desse processo, muitas vezes, vai refletir essas relações. Não é diferente em Lima Barreto, em seus personagens e como vimos anteriormente, no romance em questão *Diário do hospício e O cemitério dos vivos* (1920).

Analisamos esse personagem Vicente Mascarenhas o qual tem um processo de construção já no *Diário do hospício*, e esse personagem está passando pelo manicômio da Praia Vermelha numa espécie de encarceramento daquele que não é possível docilizar. Devido à crise de alcoolismo, e uma vida de frustrações e sem paixão efetiva, o personagem se encontra instalado e humilhado naquele lugar. Ocupa, dessa forma, o lugar entre a culpa de não ter sido aquilo que efetivamente queria (sujeito edipiano) e a tentativa de buscar seu querer (máquina desejante) de se libertar do arrependimento através do fazer literário, daí seu “Entre-lugar”.

No que diz respeito ao fazer literário da obra em si, quando pensamos em situações nas quais se faz notória a pulsão do ser (escritor diarista e personagem ficcional) como máquinas desejantes (proposição deleuziana) como anteriormente dito, buscamos conceitos de Desejo que poderiam permitir enxergar harmonia na leitura desse romance. Dessa forma, apesar de ser uma das frases mais conhecidas e, talvez, clichê do *Diário do hospício*, quando lemos “Ah! A literatura ou me mata ou me dá o que peço dela” (BARRETO, 1920), começamos a extrair dessa frase algo além do banal (pois, de tão citada, deixaria de causar o devido impacto). Então, refletimos sobre algumas questões como: O que o personagem espera/quer da literatura a ponto de lançar esse ultimato, estando já dentro do Manicômio? Que Desejo é esse? Esse Desejo paralisa ou move o sujeito? Ele clama à Literatura, recorre a ela para aliviar um momento dolorido naquele

lugar, pois essa frase vem logo depois de Lima Barreto declarar que estava pela segunda vez no manicômio e o guarda português o reconheceu desde a primeira vez estando encarcerado, porém, da primeira vez, o paciente estava nu para tomar o banho que o próprio guarda português deu:

fui para casa forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos estávamos nus, as portas abertas e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na *Casa dos Mortos*. Quando Baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.”. (BARRETO, Lima. p. 24).

Entende-se aqui a situação em que Lima Barreto (e futuramente, Vicente no *Cemitério dos vivos*) se encontra: ao sentir pudor por estar nu na frente dos outros e por chorar trabalhando na limpeza do lugar – não, necessariamente, pela função da limpeza ser algo reles, mas por ele não exercer esse papel normalmente e exercer esta função em um momento em que é tratado como subalterno por todos os lados. Ao se sentir frustrado, ele chora e evoca personagens de romances já lidos em outros momentos. Situações parecidas estão presentes durante todo o romance. Isso nos leva a pensar por dois vieses quando tentamos responder às perguntas norteadoras deste artigo: Ao escrever suas memórias do hospício, qual o papel da literatura na vida desse sujeito? Cura ou movimento? Preencher o vazio à procura do desejo ou entender que aquele lugar agora subalterno pode ser um lugar de movimento/revolução? As referências para esta proposição de leitura do romance podem não estar à mão do leitor assim que as fazemos, mas vamos por parte.

Em primeiro momento, entende-se toda uma tradição filosófica platônica em que Freud vai buscar muitas de suas teorias. Platão, como sabemos, nos fala do mundo das ideias, um mundo perfeito, e que nossa realidade material tenta imitar o mundo das ideias. Situações estão predeterminadas e o ser humano passa sua vida em busca dessa beleza/perfeição. Assim, Freud segue esse pensamento trazendo o complexo de Édipo como processo imprescindível para a formação psíquica de todo ser humano que vive em sociedade. Quando mais otimista, depois do complexo de Édipo, formamo-nos neuróticos. Com isso, Freud vai seguir esse pensamento platônico de busca, de falta, daí, resumidamente, como o desejo humano funciona para Freud. No *Mal-estar na*

Civilização, momento em que Freud traz reflexões sobre o sujeito e a sociedade sem deixar de lado a estrutura psíquica que sempre estudou, pode-se entender:

Antes de investigar de onde pode vir a perturbação, o reconhecimento do amor como um fundamento da cultura nos propiciará uma digressão, a fim de preencher uma lacuna deixada anteriormente. Afirmamos que a descoberta de que o amor sexual (genital) proporciona ao indivíduo as mais fortes vivências de satisfação, dá-lhe realmente o protótipo de toda felicidade, deve tê-lo feito continuar a busca da satisfação vital no terreno das relações sexuais, colocando o erotismo genital no centro da vida. Prosseguimos dizendo que assim ele se torna dependente, de maneira preocupante, de uma parte do mundo exterior, ou seja, do objeto amoroso escolhido, e fica exposto ao sofrimento máximo, quando é por este desprezado ou o perde graças à morte ou à infidelidade. Por causa disso, os sábios de todas as épocas desaconselharam enfaticamente esse caminho; não obstante, ele jamais deixou de atrair um grande número de seres humanos. (FREUD, 1930, p. 41-42).

Essa reflexão freudiana reflete os contratos amorosos dentro da sociedade (monogamia, por exemplo), entendendo que tais contratos são resultados culturais e não, necessariamente, naturais ao ser humano. Essas relações, muitas vezes, podem castrar o instinto primeiro, bem como muitos outros contratos sociais podem castrar o ímpeto humano não civilizado. Mas como o personagem Vicente em *O cemitério dos vivos* ou até mesmo o próprio Lima Barreto nas suas observações no *Diário do Hospício* podem se relacionar com essas reflexões acerca da linha pessimista e determinista da psicanálise de Freud ou a tradição filosófica platônica?

Quando se olha para o sujeito preso no manicômio nas primeiras décadas do século XX no Brasil, nu, tomando banho, com pudores na frente de seus companheiros de cárcere, sofrendo humilhações, entendendo o desdenhar dos médicos no trato consigo; quando se olha para o sujeito que está ali porque é alcoólatra, porque delira de abstinência, porque é louco e não se encaixa na normalidade: esse sujeito é dotado de culpa, frustração:

Tentava convencê-la, mas era em vão. Tratei de experimentar o colégio; a professora me disse que era dócil, o meu filho, mas não sabia o que tinha ele. A verdade é que não havia jeito de poder-lhe prender a atenção na cartilha. Tinha trinta e poucos anos, um filho fatalmente analfabeto, uma sogra louca, eu mesmo com uma fama de bêbedor, tolerado na repartição que me aborrecia, pobre, eu vi a vida fechada. Moço, eu não podia apelar para minha mocidade; ilustrado, não podia fazer valer a minha ilustração; educado, era tomado por um vagabundo por todo o mundo e sofria as maiores humilhações. A vida não me tinha mais sabor e parecia que me abandonava a esperança. Depois de beber

consecutivamente durante unia semana, certa noite, amanheci de tal forma gritando e o dia seguinte passei de tal forma cheio de terrores, que o meu sobrinho André, que já era empregado e muito me auxiliava, não teve outro remédio senão pedir à polícia que me levasse para o hospício. Foi esta a primeira vez. (BARRETO. p.66)

Como podemos perceber, não há saída clara e objetiva para esse sujeito. Sua frustração e culpa estão presentes quando o personagem fala de si. Assim, quando se olha para Vicente/Lima Barreto e reduzimo-lo a um ser vagante em busca do seu desejo, a um sujeito que busca preencher um vazio que nunca vai ser realmente preenchido ou preenchido momentaneamente por prazeres/significantes como o álcool, por exemplo, pode-se cair na ideia de achar que o caminho mais confortável para a finalização disso seria a morte, como o próprio autor anota no *Diário do Hospício*:

Ontem matou-se um doente, enforcando-se. Escrevi em minhas notas:

“Suicidou-se no pavilhão um doente. O dia está lindo. Se voltar a terceira vez aqui, farei o mesmo. Queira Deus que seja o dia tão belo como o de hoje.”

Não me animo a dizer: venceste, Galileu; mas, ao morrer, quero com um sol belo, de um belo dia de verão. (BARRETO. p. 17)

A culpa, a dor, logo, o desejo da morte ou a naturalização do suicídio com a aparente tranquilidade em que ele escreve “Suicidou-se no pavilhão um doente. O dia está lindo”. Essa sequência de afirmações mostra o caminho, o destino quase certo, o sujeito aqui está paralisado diante do destino, conformado, estático. Por outro lado, e aí é quando entra a outra parte da nossa pergunta: “*O desejo paralisa (já apresentado) ou move o sujeito?*”. Partindo do princípio de movimento, Deleuze e Guattari, ao romper com a tradição platônica, bebendo em Nietzsche, compreendem o Desejo não mais como falta, mas agora é excesso e movimento.

Assim, em um segundo momento, Deleuze e Guattari em o *Anti Édipo* (1972) propõem uma teoria que reage à psicanálise e à tradição platônica. Pensam um inconsciente maior que aquele edipiano, esse inconsciente pulsa; o Desejo deixa de ser falta e passa a ser produção. O que o complexo de Édipo faz é assentar no inconsciente e normatizá-lo. Tudo, então, parte desse processo de Édipo e o que transborda dele é “preedipiano” ou “paraedipiano”. A crítica de Deleuze e Guattari, portanto, está em crer que o desejo é mais do que a Tragédia que inspirou a construção psíquica em Freud, o desejo agora transborda disso e é máquina desejante, pois “as máquinas desejantes

constituem a vida não-edipiana do inconsciente.” (DELEUZE, Gilles. GATTARI, Félix. 2010, p. 513).

Essa possibilidade de pensar *O cemitério dos vivos* pode mudar o olhar para Lima Barreto/Vicente. Isso acontece porque antes o sujeito estava fadado a um destino, a sociedade o colocou ali porque a sociedade era normalizadora (ainda que seja normalizadora), essa ótica limita e reproduz o caminho da marginalização do próprio personagem que já está marginalizado. Agora, quem fala como revolucionário é o delírio. E o lugar em que Lima Barreto está (o manicômio) tenta calar seus delírios de abstinências do álcool, por exemplo. Mas o delírio é por onde a dor da normatização escoia e seu tratamento no manicômio visa calar:

Passei a noite de 25 no pavilhão, dormindo muito bem, pois a de 24 tinha passado em claro, errando pelos subúrbios, em pleno delírio. Amanheci, tomei café e pão e fui à presença de um médico, que me disseram chamar-se Adatao. Tratou-me ele com indiferença, fez-me perguntas e deu a entender que, por ele, me punha na rua. (BARRETO, Lima. p. 23-24).

Podemos entender, assim, que o manicômio é lugar de encarceramento, mas poderia ser lugar de revolução. Afirmamos isso porque, com o tempo, é perceptível que a sociedade vai engendrando mecanismos para calar aqueles que ousam erguer uma voz dissonante (as opressões estruturais e entre elas, aqui, destaca-se o racismo estrutural), e o ser humano, que está inserido na cultura, vai absorvendo as normas. Ainda que não seja matéria que o presente trabalho se proponha a se debruçar, é interessante trazer que para (ALMEIDA, 2020), o racismo estrutural está na perspectiva do processo histórico porque

as características biológicas ou culturais só são significantes de raça ou gênero em determinadas circunstâncias históricas, portanto, políticas e econômicas. Daí a importância de se compreender o peso das classificações raciais, não apenas na moldura dos comportamentos individuais ou de grupos, mas na definição de estratégias políticas estatais e não estatais. (ALMEIDA, 2020.)

Essa perspectiva de que o racismo está na constituição política e histórica, ou seja, que é estrutural ajuda a entendermos o lugar ocupado por Lima Barreto ao lado de seu fazer literário e militante e também de Vicente Mascarenhas. Assim, em que sentido o personagem se move diante de seu desejo? Já que seu delírio é calado pela norma? A resposta possível para se começar a pensar acerca disso pode estar no próprio fazer literário. Porque quando Vicente/Lima Barreto começa a escrever o romance, ele busca

na elaboração da memória, seu desejo. Acontece a produção desejante. Transforma-se em máquina desejante. Assim, o desejo aqui se torna produção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já sabemos que as pesquisas sobre as obras *Diário do Hospício* e *O Cemitério dos Vivos* (1920) existem e, apesar de não ser uma obra saturada de estudos, – se é que propostas de leituras sobre uma obra literária se saturam, como se fosse possível a literatura limitar possibilidades de interpretações – acreditamos na contribuição deste trabalho. Isso porque, em momentos de pesquisas acerca da fortuna crítica vinda anteriormente, ainda não encontramos tais conceitos de Deleuze e Guattari em contraponto com O sujeito Edipiano sendo pensados em relação direta com as obras estudadas. Ainda, encontramos relevância na utilização do conceito de “entre-lugares” visto antes em Santiago e que reflete acerca do contexto literário da América-Latina/contexto literário da Europa concomitantemente. Assim, tomamos esse “entre-lugar” e o abordamos em relação com as questões do Desejo e da Liberdade para Lima Barreto/Vicente tanto na perspectiva de uma sociedade que aprisiona o sujeito “louco”, bem como na possibilidade de esse sujeito alcançar o lugar de fuga das regras, fuga da dor através da literatura e da produção literária.

Assim, constatamos que Lima Barreto usou a literatura para não ‘morrer’; Vicente ‘escreveu’ (trata-se de um personagem-narrador que se assume autor do que relata) não só para denunciar ou expor um hospício, mas para sobreviver e produzir seu desejo, isto é, foge do estigma trágico e se transforma em produção. Afinal, quando o escritor Lima Barreto afirmou que “A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela”, registrou uma de suas mais notórias declarações e uma sentença que se tornou o engajamento maior em sua trajetória existencial.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020. BARRETO, Lima. *Cemitério dos Vivos*. Belém-PA, NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16825> . Acesso em: 10 de novembro de 2022.

BARRETO, Lima. **Feiras e Mafuás**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956

BARRETO, Lima. **O Cemitério dos vivos**. Belém – Pará. UNAMA (Universidade da Amazônia) NEAD – Núcleo de educação a distância. E-book.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Editora Ática (Bom Livro), 17ª Edição 1959.

BOSI, Alfredo. **O cemitério dos vivos**. Testemunho e ficção. Literatura E Sociedade. 2007.

DECCA, Edgar Salvadori de. **Quaresma: um relato de massacre republicano**. In: Anos 90. Porto Alegre, 1997.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. (1972) **O anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FARIA, Antônio Augusto Moreira de; PINTO, Rosalvo Gonçalves (org.). **Lima Barreto** Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores. Belo Horizonte: Viva Voz, 2012.

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na civilização**. In. Novas conferências introdutórias e outros textos (1930- 1936). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1933/2010.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império**. Rio de Janeiro: Editora FGV; Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Edur), 2007.

MURIBECA, Miró da. **aDeus**. 3ª ed. Mariposa Cartoneira. PE, 2015.

RESENDE, Beatriz (org.). **Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Ed. Penguin – Companhia, 2017.

RIBEIRO, D. C. **Ciência, caridade e redes de sociabilidade: o Hospício de Pedro II em outras perspectivas**. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v.23, n.4, out.-dez. 2016, p.1153-116

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.9-26.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: Triste Visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Wharley Dawsley Oliveira. TEIXEIRA, Renata Pimentel. **Lima Barreto**: da biografia à ficção, um percurso do Diário do Hospício ao Cemitério dos Vivos. In: SEMINÁRIO MILBA: Entre a tradição e a contemporaneidade: insubmissas vozes de mulheres, 5, 2019, UFRPE Sede. Anais: p. 545 – 557. ISBN 978-65-86547